

## JOSÉ WALDO, IRMÃO, MESTRE, AMIGO

*Ribeiro Ramos*

Jamais me passou pelo espírito a idéia de que um dia me seria dado ensejo de falar para um auditório tão culto e tão seleta, como este que me cerca e ouve neste momento. Momento da mais alta significação para mim, se bem que não possa me despojar de minha qualidade de pobre jornalista matuto, que sabe, reconhece e jamais escondeu as próprias limitações.

Honrado que fui com amável convite de vosso digno e ilustre Presidente, Professor Manuel Albano Amora, para aqui dizer algumas palavras sobre meu saudoso irmão, e vosso companheiro de ideal, José Waldo Ribeiro Ramos, foi-me inteiramente impossível recusar a honraria, pois, seu vulto amigo tenho-o sempre diante dos olhos, e sua memória está eternamente presente em velho coração. Recusar o convite seria uma descortesia — e um Ribeiro Ramos, permiti que vos diga — tudo pode fazer menos uma descortesia — para com o meu nobre e vosso Presidente, ex-discípulo de José Waldo, e, anos mais tarde, seu colega no Instituto do Ceará, na Academia Cearense de Letras e nesta egrégia Instituição Cultural que é a Sociedade Cearense de Geografia e História, por ele fundada naquele já distante 25 de agosto de 1935.

Nessa época eu residia em Acaraú, onde exercia plenamente a minha profissão e redatoriava o quinzenário "O ACARAÚ", e sempre que vinha a Fortaleza jamais deixei de visitar o mano Zé Waldo, ali, em sua casa na rua Senador Pompeu, quase *vis-à-vis* com a igreja de São Bernardo, hoje, para imensa tristeza minha destruída, para dar lugar a um estacionamento de carros. Sempre que por ali passo, de coração apertado, recordo um verso de um soneto seu, perpetrado nos dias alegres da juventude, e cujo tema era um templo grego destruído em época remota: ". . . é que nem a pedra ao tempo não resiste".

Foi numa dessa visitas que tomei conhecimento da fundação da Sociedade Cearense de Geografia e História, e a cuja frente ele se colocara, com o entusiasmo próprio da mocidade e com aquele ardor que só se encontra nos puros idealistas, e tão comum entre os homens de espírito. O mano estava feliz, muito feliz mesmo naquela ocasião. Parecia uma criança quando ganha um brinquedo novo e ardentemente desejado. Aquela foi uma das poucas oca-

siões em que o vi verdadeiramente feliz, pois, José Waldo pertencia ao reduzido número daqueles que encontram a felicidade nas realizações puramente espirituais, que se situam longe, muito longe das coisas terrenas, tão do gosto dos utilitaristas, daqueles que só se comprazem com os bens materiais, e que formam a grande e notada maioria da humana gente. E esta Instituição tornou-se a menina de seus olhos, já que a ela se devotou inteiramente, amando-a, engrandecendo-a e projetando-a para o alto, com a cooperação e a valiosa ajuda de muitos de vós, ilustres Mestres que me escutais neste instante. Sucesso e triunfo, alegria e encantamento. Mas um dia a doença bateu-lhe à porta, e o idealista, de forças decaídas, parou, tombou e caiu para não mais se levantar, levando, por certo, na mente em agonia, uma dorida lembrança desta Casa, dos colegas Mestres, dos amigos mais queridos.

A Sociedade Cearense de Geografia e História renasceu, por força da vossa vontade e por imposição de vosso idealismo. Está em Nova Fase, e houvestes por bem immortalizar o nome de seu Fundador, Professor José Waldo Ribeiro Ramos, fazendo-o Patrono da Cadeira No. 40, da qual é Titular o eminente Professor Manuel de Lima Soares. Cantemos juntos as aleluias deste renascimento, vendo aí a apoteose de uma verdadeira Ressurreição.

Deixai que vos fale agora de José Waldo Ribeiro Ramos, o Irmão, o Mestre, o Amigo. Toda a vida do mano José Waldo, como Mestre e como intelectual, decorreu toda ela nesta bela e encantadora Fortaleza de Nossa Senhora d'Assunção, onde ele chegou por volta de 1966, na esteira do Colégio São Luís, do educador Francisco de Menezes Pimentel, Senior, que se transferia da vila de Pacoti, no maciço de Baturité, e seu objetivo era fazer preparatórios e ingressar na Faculdade de Direito. Aluno do São Luís em Pacoti de logo, aqui em Fortaleza, fez-se professor do Colégio, a convite e sob as vistas do diretor. Era o início de sua longa carreira no Magistério, e que teria a duração de quase meio século.

Filho do Capitão Francisco Ramos, comerciante em Baturité, e D. Joaquina Ribeiro Ramos, foi José Waldo o primogênito do casal, nascendo a 4 de abril de 1899, e passando a infância no sítio "Boa-Vista", no distrito de Guaramiranga, para onde o casal Ribeiro Ramos se transferiu. Ali estudou as primeiras Letras com nossa mãe, que fora aluna distinta e laureada do já então famoso Colégio da Imaculada Conceição de Fortaleza, e que faleceria prematuramente a 1o. de junho de 1908, motivo para que o menino José Waldo fosse mandado para um colégio particular em Guaramiranga.

Em 1912, e pouco antes de casar-se em segundas núpcias, ali, na pitoresca Vila da Conceição, o Capitão Chico Ramos alugou casa e instalou os sete filhos órfãos em companhia da veneranda Sra. Ninfa Ramos, nossa querida avozinha e de duas filhas inuptas — três doces e veneráveis santas, que suportavam heroicamente as traquinagens de três meninos e quatro meninas levados

da breca, comandados por um primo nosso, o Justininho, já taludinho e muito encapetado, segundo a opinião unânime daquelas bondosas criaturas. Longe das vistas do Capitão, Waldo e Justino deram para sair à noite, e, não deu muito, estavam chegando tarde, a desoras. Como tinha que acontecer um dia a coisa chegou aos ouvidos do Capitão: cobraram-lhe uma gorda conta aberta pelo Waldo numa casa de comércio da vila — bebidas, perfumes, objetos para presentes, e inutilidades de uso de rapaz rico. Chamados à fala os dois peraltas ouviram uma severa reprimenda, de olhos no chão, tristes e acabrunhados, enquanto nós outros, amedrontados nos refugiamos no regaço de nossas boníssimas avó e tias, que desfiavam atabalhoadamente os seus rosários no interior das camarinhas. Mas não ficou apenas naquele “sabão” o castigo do Capitão Chico Ramos: já no dia seguinte estavam em nossa porta dois cavalos selados, trazidos por dois empregados do sítio — um para levar o sobrinho de volta aos pais em Mulungu e outro que deveria conduzir o filho a casa paterna, e foi lá, longe dos olhos e da aflição de nossa avó, das tias velhas e nossos também, que ele castigou exemplarmente o filho que errara, mandando-o, depois, de volta ao colégio e ao nosso convívio. Quis o nosso Pai, assim, que o seu primogênito soubesse o valor do dinheiro ganho com o suor do próprio rosto, e que esse dinheiro não deve ser gasto superfluamente. A dura lição serviu, e o Waldo jamais a esqueceu, pois, gostava de contá-la, sempre que se referia ao nosso Pai, exaltando-lhe o espírito de justiça, ao seu caráter sem jaça, ao seu amor pelos filhos, por quem jamais mediu sacrifícios, instruindo-os e educando-os para a vida, dentro de uma moral sã, austera e cristã.

Desde muito jovem José Waldo demonstrou pendor para a literatura, o que lhe despertou muito cedo amor pelos livros, o que o levou a adquiri-los constantemente, e ao longo de toda a sua vida, formando uma valiosa biblioteca, com muitas obras raras e onde avultavam as melhores até então publicadas sobre Geografia e História, constituindo-se nesse ponto uma das mais preciosas do Ceará. . . Estudante em Pacoti, muito jovem ainda, despertou José Waldo para o cultivo das letras — nascia-lhe o amor pela Literatura, que cultuou toda a vida. Nas férias, em “Boa-Vista”, fora do horário das aulas que nos dava, o mano lia sem parar, entrando pela noite a dentro, até horas mortas. Lia e escrevia. Seus autores prediletos eram Eça de Queiroz, José de Alencar, Coelho Neto, Olavo Bilac, Guerra Junqueiro, Alexandre Herculano, Ramalho Ortigão, Júlio Diniz, Ruy Barbosa, Camilo Castelo Branco, e os nossos muito nossos Gustavo Barroso, Papi Júnior e Rodolfo Teófilo além de muitos outros poetas e prosadores da língua Vernácula. Por esse tempo já ele procurava ler e traduzir alguns autores franceses e ingleses.

Lembro-me bem, Waldo lia uma página de Gustavo Barroso, tendo por tema homens, coisas e fatos do Ceará, depois escrevia por sua vez algo sobre o

mesmo assunto, que lia para nós em voz alta e cheia, em tom declamatório e com ênfase desusada, no fim exclamava, cheio de entusiasmo:

– Isto está muito bom! Está melhor, muito melhor do que Gustavo Barroso!

Uma inocente vaidade, convenhamos, mas assim começou o mano a aprimorar um nascente estilo, que sempre procurou aperfeiçoar à proporção que se foi tornando escritor, fazendo ao mesmo tempo da cátedra uma espécie de trampolim que o levaria à tribuna, e a uma oratória não despida de atavios, dote esse, aliás, que cultivou desde os tempos do Colégio São Luís, em Pacoti, como orador dos discentes em todas as festas cívicas e por ocasião do aniversário do diretor Pimentel Senior ou do vice-diretor Pimentel Júnior.

José Waldo era um tanto ou quanto vaidoso, gostando de vestir-se bem e ao rigor da moda, trajando com elegância, hábito que aprimorou quando se tornou acadêmico ao ingressar na Faculdade de Direito, e quando passou a usar também um *pince-nez*. Ali teve grandes mestres que ele queria e respeitava profundamente, cultivando-lhes a estima, fazendo-se igualmente estimado pelos colegas, a ponto de ser escolhido por eles como orador oficial do corpo discente num 11 de agosto, aniversário da instituição dos Cursos Jurídicos no Brasil. Seu maior dia na Faculdade foi, naturalmente, o da formatura: 25 de dezembro de 1924, para cuja solenidade mandou fazer um fraque, que era o “*dernier cri*” da época, já que o fraque dava “*status*”, como se diz hoje. Recordo bem o contentamento do mano com o feliz acontecimento, que teve início com a festa de despedida da turma, e quando, entre inúmeros discursos e numerosíssimos copos de loura cerveja um dos formandos, não recordo quem, com veia poética, recitou várias quadrinhas com o perfil de cada colega, cabendo ao Waldo esta, que guardei de memória:

“Devido a pose fiel  
de Poeta e orador,  
antes de ser bacharel  
já lhe chamam de doutor”.

Bacharel, José Waldo tentou a advocacia, e pôs nos jornais anúncio adequado, mas enquanto os clientes não apareciam continuou ensinando, e, como os recursos minguavam e ele já pensava em casar-se, pois que era noivo, aconselhado, resolveu tentar a Magistratura. Foi nomeado Juiz de Mauriti, no Sul do Ceará, onde como em todas as comarcas do Estado, a política era estreita e dominante: o Juiz não tinha escolha, ou fazia o que o chefe político queria e mandava ou saía. E saía sempre, por gosto ou contra a vontade. E o Sr. Juiz José Waldo Ribeiro Ramos não fugiu à regra. . .

Tenho dessa época uma carta do mano, de há muito perdida no *maremagnum* dos meus papéis, onde ele me contava o que estava ocorrendo e desabafava fazendo humor trágico: . . . “e eu que sonhava ser diplomata e, por

estas alturas, me encontrar em Tóquio, todo feliz e tendo a meu lado uma "geisha", estou aqui em Mauriti, sob ameaça, e, por ironia do destino; tenho comigo um rifle 44 "papo amarelo". . .

Informado de tudo, por pessoas amigas, o Capitão Francisco Ramos viajou para a capital, com o intuito de chamar o filho, retirando-o da comarca, evitando, assim, um mal maior. Logo que tomou o trem, na cidade de Baturité, e que o mesmo deu de marcha rumo a Fortaleza, um homem queimado de sol e ostentando uma cerrada barba preta levanta-se de um banco ao lado e abraçou papai, rindo, ante a surpresa do Capitão que só o reconheceu quando o barbaças falou; era Waldo, que deixara Mauriti por absoluta falta de segurança e por não poder exercer dignamente o cargo de Magistrado.

A Magistratura ficou para trás, apenas como um episódio amargo na vida do mano. Sua vocação era aquela em que se iniciara menino ainda — o Magistério. Aí José Waldo permaneceu até o fim de seus dias, sem da cátedra se afastar jamais, nem mesmo quando sofreu um *ictus* terrível e irreversível, e que seria o começo de sua derrocada física, contra a qual ele lutou durante dez dolorosos anos. Isso ocorreu em plena maturidade gloriosa e em meio à luta pela vida, onde, até então, o ócio nunca fora presente. Nos últimos anos de sua vida, afanosa e sempre útil, essa mesma cátedra, tribuna mais alta de seus triunfos nas lides maravilhosas do ensino, seria transformada no Cáucaso do seu martírio, já que a ela fora acorrentado, qual outro Prometeu redivivo, vítima de um cruel destino.

Professor, sempre professor, com algumas e repetidas passagens por uma advocacia não-remunerada em favor dos pobres, José Waldo desempenhou uma outra espinhosa função pública, e das mais difíceis, e em época difícilíssima para o Ceará e para o Brasil: Foi Delegado da Ordem Política e Social, por nomeação do Governador Menezes Pimentel.

O mundo civilizado vivia num clima de tensão extrema, advinda da Segunda Grande Guerra, desencadeada naquele trágico ano de 1939 por um monstro que se chamou Adolf Hitler, criador na Alemanha vencida de 1938, sob as vistas complacentes do velho Marechal Hindenburg, do Partido Nacional Socialista — útero materno da hidra nazista, que ergueria uma cabeça na Itália de Mussolini e outra no Império Militarista do Sol Nascente — cujo louco sonho, nascido de um cérebro sífilítico foi além, muito além daquele acalentado pelo Kaiser Guilherme II, que apenas queria a hegemonia alemã na Europa, enquanto que ele quis dominar o mundo. À voz de Hitler nasceu o famigerado eixo Berlim—Roma—Tóquio, terrível força do Mal, foi como que verdadeiro Apocalipse que talou toda a face da Terra, com os cascos de suas bestas — a Peste, a Fome e a Guerra varreram todos os continentes, numa terrível hecatombe sem par na História da Humanidade. As tremendas alterações da sociedade e as terríveis convulsões sociais dos nossos dias tiveram aí a sua origem.

Nosso Brasil não fugiu a esse abalo sísmico mundial, e só não foi inundado pelo maremoto onde tantas nações soçobraram, graças à proteção de Deus. Vargas era ditador, e, hábil político, conduzia o barco dos nossos destinos entre Cilas e Caribdes, manobrando os cordéis do seu teatrinho de marionetes onde se alternavam ora os comunistas, ora os integralistas e ora os conservadores e democratas. Tema fascinante esse aí. . .

Ocupando a Delegacia da Ordem Política e Social, José Waldo viveu nessa época os mais difíceis anos de sua vida, já que homem de formação cristã e democrática e um cultor do Direito recusava-se a tomar medidas drásticas para manter a ordem contra a Razão e a Justiça. Conversamos várias vezes sobre isso, e eu sentia-lhe a preocupação e o terrível temor de não estar agindo com acerto. Uma verdadeira tortura. . .

É justamente aí que se dá o rompimento do Brasil com a Alemanha e a Itália e, conseqüentemente, com o Japão. A guerra é declarada pelo Brasil, numa exigência da Nação ferida em seus brios e em sua soberania, já que à sanha nazista numerosos marujos brasileiros sucumbiram no mar, com o torpedeamento de navios nossos por submarinos alemães. Nossa Fortaleza foi sacudida pela onda de indignação que agitou a Nação inteira. E nossa gente, sempre tão pacífica, perdeu a cabeça e foi para as ruas e encheu da agitação as praças públicas onde inflamados oradores falavam ao povo, despertando-lhe os sentimentos patrióticos. Daí para a depredação e o saque dos estabelecimentos de propriedade dos alemães e Italianos estabelecidos na cidade, muitos deles nossos velhos e bons amigos, já que há anos radicados no Brasil e no Ceará, foi um passo. José Waldo, temendo pela vida desses alemães e italianos, alguns deles seus amigos particulares, mandou detê-los e os levou para sede de sua Delegacia, no prédio da Chefatura de Polícia. Foi acertada a medida tomada, pois a fúria popular é algo incontrollável uma vez desencadeada, e as suas conseqüências são imprevisíveis. Talvez algumas vidas tenham sido salvas naquela ocasião. Não sei.

Poucos dias depois desses acontecimentos, numa visita que fiz ao mano ele me contou pormenorizadamente todo aquele drama e me falou das ordens que recebera, no dia da crise, vindas dos escalões superiores, para que reprimisse os excessos do populacho, usando para tal a força policial armada. José Waldo ignorou as ordens recebidas tanto mais que todas elas foram dadas pelo telefone ou transmitidas por emissários, e ignorou-as não só porque a violência não era do seu feitio e também por considerar um ato de força ostensivo impróprio da dignidade das funções que desempenhava, isto é, de resguardo à lei e à ordem.

Recordo tudo que me narrou em detalhes assim como lembro um dos episódios por ele vivido nesse dia terrível. Entre os presos recolhidos à Delegacia da Ordem Política Social se encontrava um membro da família Cunto e

de quem o Waldo era muito amigo. O detido ao ser-lhe levado à presença, depois de indentificado, tão logo entrou no gabinete dirigiu-se ao meu mano e perguntou-lhe, entre surpreso e indignado:

— Como é Dr. José Waldo, que o Sr. sendo meu amigo e sabendo que eu sou um homem pacífico, que não tenho inimigos e ainda mais sou brasileiro, manda me prender?

Sereno, como lhe permitiam as circunstâncias, Waldo lhe respondeu:

— Eu não mandei prendê-lo. Mandei buscá-lo e o trouxe para cá em segurança, apenas para lhe salvar a vida.

Acredito ter sido essa uma das lições mais amargas de sua vida pública, assim como acredito que tais lições o levaram daí por diante a dedicar-se inteiramente ao divino e ingrato mister de ensinar, buscando constante refúgio nos livros, seus maiores e melhores amigos, devotando-se totalmente às Letras, suas diletas companheiras de todas as horas, amigas leais, sinceras, verdadeiras, puras, cativantes, num eterno culto à Graça e à Beleza. É que o Mestre e o Intellectual sempre estiveram juntos. Toda a vida. Um era o complemento do outro. Os dois formavam um só todo, indivisível, numa perfeita simbiose do Talento e da Inteligência na esteira da luz de um sol que não se apaga — a Cultura.

Temos uma prova disso nas obras que nos deixou, escritas no belo estilo que lhe era próprio e que tomo a liberdade de enumerar, com a vossa delicada permissão:

O PROBLEMA DEMOGRAPHICO — A THEORIA DE MALTHUS E O NEO-MALTHUSIANISMO (These) — Est. Graphico Urania, rua Barão do Rio Branco, 208, Fortaleza-CE, 1930 — 91 pp.

A INFLUENCIA DO CHRISTIANISMO NA SOCIEDADE (These) — Est. Graphico Urania, rua Barão do Rio Branco, 208, Fortaleza-CE, 1930, 90 pp.

PÁGINAS DE LITERATURA E CRÍTICA — Casa Editora Ramos e Pouchain, Fortaleza, 1933 — 127 pp.

O SENTIMENTO E A ARTE NA POESIA DE CARLOS GONDIM (Conferência) — Fortaleza, 1934.

O CENTENÁRIO DE UM POETA — Fortaleza, 1936.

TUDO PELA GRANDEZA ECONÔMICA DO BRASIL — Ramos e Pouchain, Rua Barão do Rio Branco, 846, Fortaleza, 1936 — 43 pp.

DO ESPÍRITO DA PENALOGIA MODERNA (Dissertação para defesa de Tese Doutoral) — Est. Gráfico A. C. Mendes, Fortaleza, 1936 — 42 pp.

AO SOL DE MECEJANA (Discurso) — Ramos e Pouchain, Fortaleza, 1937 — 9 pp.

CENTENÁRIO DO COMENDADOR NOGUEIRA ACIOLI (Discurso) — Tipografia Minerva, Assis Bezerra e Cia., Fortaleza, 1940 — 26 pp.

ORDENADAS PERSPECTIVAS DA HISTÓRIA DO CEARÁ (Discurso) — Ramos e Pouchain, Rua Barão do Rio Branco, 837, Fortaleza, 1941 — 15 pp.

O DIA DA PÁTRIA (Discurso) – Tip. Santos, Rua Floriano Peixoto, 1942 – 8 pp.

AÇÃO SOCIAL DE SÃO VICENTE DE PAULO (Discurso) – Tip. Santos, Rua Floriano Peixoto, 735, Fortaleza, 1942 – 8 pp.

IGNORANTE SUBLIME (Conferência sobre Barbosa de Freitas) – Imprensa Oficial, Fortaleza, 1944 – 55 pp. ilt.

RECEPÇÃO NO INSTITUTO (Discurso) – Editora Instituto do Ceará, Fortaleza, 1946 – 12 pp.

DISCURSO DE SAUDAÇÃO E DE POSSE NO INSTITUTO DO CEARÁ (com Mozart Soriano Aderaldo) – Editora Instituto do Ceará, Fortaleza, 1950 – 27 pp.

CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DAS ÁGUAS SUBTERRÂNEAS (Tese) – Tipografia Minerva, Assis Bezerra e Cia., Fortaleza, 1950 – 52 pp.

RODOLFO TEÓFILO (O Homem e a Obra) – Editora “Instituto do Ceará”, Fortaleza, 1954 – 20 pp.

Além dessas obras deixou José Waldo vários artigos dispersos pelos jornais e, inéditos inúmeros discursos e algumas conferências, aqueles assinados pelo seu nome literário – J.W. Ribeiro Ramos – além das suas LIÇÕES de GEOGRAFIA, que não concluiu. Pouca coisa tenho dele, pois, alguns dos livros que me ofereceu se foram na voragem dos empréstimos e das mudanças. Tenho, no entanto, um volume – “Do Espírito da Penologia Moderna” – Dissertação para defesa de Tese Doutoral, apresentada à Congregação da Faculdade de Direito do Ceará, ao receber o grau de Doutor em Direito, em 1936. Devo esse volume à generosidade de meu preclaro Amigo Dr. José Bonifácio Câmara, admirável bibliófilo, há anos radicado no Rio de Janeiro, e possuidor de vasta biblioteca, muitíssimo bem cuidada, catalogada e anotada, na sua quase totalidade de autores cearenses ou aqui publicados. Vi ali e manuseei com carinho e meio deslumbrado alguns dos livros do ilustre e eminente intelectual conterrâneo e que são verdadeiras raridades literárias. A Tese de doutoramento do mano foi elogiada, premiada e sobre ela o grande Mestre baiano Estácio de Lima escreveu rasgado elogio.

José Waldo exerceu uma outra função pública no Ceará: foi diretor do Departamento de Serviço Público do Estado, hoje extinto. Creio. Em sua casa, na rua Senador Pompeu, 1.215, manteve por muitos anos o seu Curso Particular de Geografia e História – suas matérias prediletas – e onde também ministrava aulas de Português e Francês. Foi professor de vários colégios de Fortaleza e Professor de Francês do Colégio Militar, e Mestre Universitário na Faculdade de Filosofia e na Faculdade de Ciências Econômicas. Mestre, sempre mestre.

A 29 de junho de 1929 convolou núpcias com Branca de Oliveira Ramos, sua primeira e única namorada, filha do ilustre casal Dr. Domingos Boni-



fácio de Oliveira, e desse feliz consócio houve duas filhas, Helena e Iolanda, e adotou uma outra, todas casadas, hoje, e que lhe deram oito netos, legando-lhes um nome honrado e digno por todos os títulos.

Mestre toda a vida, José Waldo Ribeiro Ramos recebeu belíssima e consagrada homenagem póstuma, partida de um seu ex-aluno e posteriormente seu colega de Magistério, Dr. Professor Lúcio Melo, ao lhe dar o nome a um dos Colégios da rede oficial do Estado, quando ocupou as elevadas funções de Secretário do Ensino. O Colégio Dr. José Waldo Ribeiro Ramos fica ali, no populoso bairro do Alagadiço, bem próximo à Avenida Bezerra de Menezes. Ele voltou ao Pai mas seu nome ficou, e ficou gravado no frontespício de uma Casa de Ensino.

E ficou também em muitos e generosos corações. Sempre tive o mano José Waldo em conta de um grande Mestre, e nossa estima era recíproca e profunda, sem levar em conta os laços de sangue que nos prendiam. Ainda hoje, duas décadas após sua morte, uma das maiores e inocentes alegrias que experimento é ouvir, vez por outra e vezes sem conta alguém me dizer:

— Eu fui aluno do seu irmão, do Dr. José Waldo. É que esse alguém acrescenta sempre e invariavelmente: — ele era um grande Professor! — e além de Professor um Amigo.

Em cada um de vós, ilustres e caros Mestres, eu vejo reproduzida a figura diletta e exponencial de José Waldo Ribeiro Ramos, o Mestre inesquecível. Ele passou por esta Casa, assim como passou pela Academia Cearense de Letras e pela Casa do Barão de Studart, cercado de respeito e de consideração louvado pelo primor da inteligência, pela solidez de sua cultura, mas muito especialmente e sobretudo pela grandeza de seu coração.

Um HOMEM — Irmão, Mestre, Amigo.